

Meditações: Cristo Rei (Ciclo B)

Reflexão para meditar no último domingo do Tempo Comum, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo (Ciclo B). Os temas propostos são: Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós; a aparente fraqueza do reinado de Cristo; o serviço é o verdadeiro poder.

- Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós.
- A aparente fraqueza do reinado de Cristo.
- O serviço é o verdadeiro poder.

O FIM do ano litúrgico chega com a solenidade de Cristo Rei. Estas semanas em que a Igreja nos propôs considerar as verdades últimas levam-nos a uma certeza: Jesus Cristo é o Senhor da história universal e, ao mesmo tempo, de cada história pessoal. «O seu império é um império eterno que não passará jamais, e o seu reino nunca será destruído» (Dn 7, 14). Nada do que acontece escapa ao Seu conhecimento. Nenhum dos nossos cuidados ou desejos é perdido, porque Ele governa tudo.

Regnare Christum volumus, escolheu como lema episcopal o Beato Álvaro del Portillo: queremos que Cristo reine. É uma das jaculatórias que S. Josemaria repetia desde muito novo. «Cristo deve reinar, em primeiro lugar, na nossa alma – dizia –. Mas como Lhe responderíamos, se Ele nos

perguntasse: como é que tu Me deixas reinar em ti? Eu responder-lhe-ia que para que Ele reine em mim, preciso da sua graça abundante, pois só assim é que o mais impercetível pulsar do meu coração, a menor respiração, o olhar menos intenso, a palavra mais corrente, a sensação mais elementar se traduzirão num *hossana* ao meu Cristo Rei»^[1].

«Jesus hoje pede-nos para deixarmos que *Ele se torne o nosso rei*. Um rei que com a sua palavra, o seu exemplo e a sua vida imolada na cruz nos salvou da morte, e indica – este rei – o caminho ao homem perdido, dá luz nova à nossa existência marcada pela dúvida, pelo medo e pelas provações de cada dia. Mas não devemos esquecer que o reino de Jesus *não é deste mundo*. Ele só poderá dar um sentido novo à nossa vida, às vezes submetida a dura prova inclusive pelos nossos

erros e pecados, se não seguirmos as lógicas do mundo e dos seus “reis”»^[2].

DURANTE O PROCESSO anterior à crucificação, o Evangelho permite-nos ver como a surpresa de Pilatos aumenta durante a sua conversa com Cristo. Não é apenas um réu que mostrou uma dignidade que nunca tinha encontrado, mas Jesus, com as Suas palavras amáveis, cheias de mansidão, penetrou nas profundezas da sua alma. O brilho da verdade deslumbra o procurador que não consegue ver com clareza que posição tomar. O próprio Cristo é a verdade e diante dos Seus olhos nenhum coração permanece o mesmo que antes.

O contraste na cena é eloquente: de um lado, o poder do Império Romano que dominará praticamente todo o

mundo conhecido até então. Do outro, o autêntico Senhor do universo com a aparente impossibilidade de Se defender. Aquelas mãos que fizeram milagres como dar vista aos cegos ou ressuscitar os mortos, que acariciaram os enfermos e confortaram as lágrimas dos aflitos, agora parecem acorrentadas. Poderiam governar legiões de anjos, converteram o pão e o vinho no Seu próprio Corpo e Sangue, mas agora permanecem atadas.

É um mistério que nos deslumbra: Cristo não Se defende. O Seu reinado é o de quem se entrega e só então começa a salvação. Jesus «deseja cumprir a vontade do Pai até ao fim e estabelecer o seu reino, não com as armas e a violência, mas com a aparente fragilidade do amor que dá a vida. O reino de Deus é um reino completamente diferente dos reinos terrenos»^[3]. Essa “aparente fraqueza”

é o que conquista a liberdade das almas. É a fragilidade do Senhor que infunde vida no mundo e nos povos, aquele que sabe tirar o bem do mal, aquele que infunde graça sem se impor.

TODO O CRISTÃO é chamado a ser Cristo que passa entre os homens. Olhar para as mãos atadas do Senhor impele-nos a dar-mo-nos como Ele. O Seu exemplo leva-nos a amar sem condições. Quem se entrega depõe as armas, renuncia a defender-se. Desta forma, aprendemos a ouvir sem nos impormos, a valorizar o bem de cada pessoa, a oferecer o nosso próprio tempo e a alegria que temos dentro de nós sem esperar nada em troca.

Nesse reinado de Cristo diante de Pilatos descobrimos que de pouco serve pretender ter razão ou levar a

nossa avante; até o bem que fazemos perde peso se não formos movidos por um desejo sincero de servir, como Cristo na Sua Paixão. «Serviço. Como gosto desta palavra! Servir o meu Rei e, por Ele, todos os que foram redimidos com o seu sangue. Se os cristãos soubessem servir! Vamos confiar ao Senhor a nossa decisão de aprender a realizar esta tarefa de serviço, porque só servindo é que poderemos conhecer e amar Cristo e dá-l'O a conhecer e conseguir que os outros O amem mais»^[4].

O Arcanjo S. Gabriel disse a Maria que o seu Filho reinaria para sempre. Ela acreditou antes de O dar ao mundo. Mais tarde, não sem perplexidades, entenderia que tipo de realeza era a de Jesus. Pedimos à nossa Mãe que compreendamos e vivamos, sempre com maior profundidade, aquela maneira suave com a que reina o seu Filho.

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

[2] Francisco, Angelus, 25/11/2018.

[3] Bento XVI, Homilia, 25/11/2012

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/meditation/
meditacoes-cristo-rei-ciclo-b/](https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-cristo-rei-ciclo-b/)
(16/12/2025)